

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Novembro de 2023 - Nº 617

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

TRENS DE MINAS! TREM DE SÃO JOÃO DEL REI

VALDO RESENDE

Bons sujeitos sabem que, para um mineiro, trem é aquilo que ele resolve denominar trem. Pega aquele trem ali! Viu que trem doído? Larga desse trem, meu filho! Cuidado com esse trem, cara... e os exemplos são variados ao infinito. E, fora do contexto, tente adivinhar qual o trem de cada frase! Todavia, de todos os trens de Minas, o melhor é mesmo o Trem de Ferro. Aquele da Maria Fumaça conduzindo vagões que nos levam para as mais ternas lembranças.

Outro dia estive em São João Del Rei, lá para os lados do Campo das Vertentes. Confesso não ter dormido toda a noite durante a viagem, admirando os contornos vistos pela janela do ônibus. Silhuetas, luzes esparsas fazendo perceber os contornos da minha terra. Longas horas curtidas com prazer que cresce com o raiar do dia. Nas beiras da estrada, pequenas capelas pra Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida; no centro de um micro trevo, uma escultura de São Sebastião. Estamos em Minas! E se há alguma dúvida de estar em Minas

ela se acaba quando passamos sobre o Córrego Cala-Boca (que história levou a esse nome?) ou divisamos o anúncio de um boteco qualquer: “A legítima empada!” Creiam-me, todas as outras são falsas.

Já estava distante, em outro município, uma ponte sobre o Rio Grande quando passamos por uma casa suspeitíssima, a Casa da Maria Rosa. A dona da casa pode ser uma santa, mas o visual da propriedade remete aos velhos e bons bordéis de beira de estrada. Será? Ao longo da estrada corre outro rio, o das Mortes. Minas, que logo em seguida anuncia um Trem Margoso que, ao que tudo indica, jamais saberei do que se trata. Estava lá, a plaquinha: trem margoso. Tudo rapidamente deixado para trás quando, já na rodoviária, antes de qualquer coisa comem-se dois pães de queijo para começar o dia. Dois! Poderia ter sido dez.

Quem quiser saber sobre identidade brasileira deve visitar nossas velhas cidades. Pode ser Marechal Deodoro, a primeira capital das Alagoas; ou então, um pouco mais perto de onde estou, pode ser São Luís do Paraitinga, no Estado de

São Paulo. Cidades como essas exalam brasilidade. E me senti assim, caminhando pelas ladeiras de São João Del Rei, com seu casario na beira da calçada, sua gente cordial sempre disposta a dar passagem ao transeunte, sua comida que coloca qualquer regime para escanteio e, entre outras boas coisas, o seu Museu Ferroviário.

As igrejas locais são belíssimas e encantadoras. Bons mineiros se calam observando as majestosas Basílica Catedral de Nossa Senhora do Pilar, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês. A beleza da Igreja de São Francisco é ímpar e nos impõe respeitosa silêncio e admiração. O Barroco, o Rococó, a arquitetura do século XVIII embelezam a cidade dividida pelo Rio das Mortes, unida por diversas pontes. Fui recebido na casa de D. Bárbara Heliodora, a Bárbara Bela do poeta que hoje, através de um delicado busto, recebe os visitantes da Biblioteca Municipal de São João Del Rei, todos muito bem tratados pela coordenadora local.

É bom registrar que na cidade, durante a semana

em que lá estive, aconteceu o XXXIII Congresso da Anppom – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música. Um monte de gente fera no setor transitando e trocando conhecimento sobre a área. Música sacra na igreja, batucada na esquina, e outras tantas discussões e oficinas pela cidade, viva e atual. Só que cidades históricas nos levam para outros tempos, nossa ancestralidade. Parece que fantasmas ou espíritos, como queiram, estão ali ao nosso lado, contando de tudo quanto o que passaram antes de chegarmos ao século XXI. E, experiência muito pessoal, a cidade me propiciou visitar um trem. Trem mesmo, sobre trilhos e puxado por uma Maria Fumaça.

Aqueles que conhecem a história da minha família sabem da importância da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, onde meu avô trabalhou por 45 anos. Tio João Batista outro tanto e mais outros tios e primos trabalharam como maquinistas, telegrafistas, chefes de trem, mestres de linha. A composição de São João Del Rei é outra, reminiscências da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas.

Na inauguração da estrada, em 1858, a cidade se orgulha de ter recebido a visita de D. Pedro II. Quem é que se lembra disso ao iniciar uma nova viagem?

Com certeza, entrou no trem, rumo a Tiradentes, o menino que um dia eu fui. O garoto que corria apressado para uma janela, abrindo-a e se debruçando aguardando a partida e, de lá, voltando-se apenas para o lado, saudando o chefe do trem que verificava a passagem – normalmente um conhecido que conversava com minha mãe pedindo notícias do meu avô. Outro momento de grata memória era a vinda do garçom vendendo refrigerantes, sanduíches, geleia de mocotó. E as cidades, as turmas de estrada, os postos todos do percurso de Uberaba a Campinas, rumo à casa da avó materna, ou de Uberaba a Araguari, para visitar a avó paterna.

Foi comovente ver a mudança de postura nos viajantes, meus companheiros no Trem de São João Del Rei. Feito crianças, alegres como tal, logo estavam aceitando para estranhos que, com simpatia, respondiam da rua, das portas de suas casas, das janelas. “Adeus, adeus, vou me embora para

Catende, vou me embora pra Catende...” Era o tempo voltando e ao mesmo tempo alertando para a possibilidade de convivência harmoniosa, mesmo que da janela de um trem. Pura poesia. E vieram pontes sobre rios e córregos, lagos, pastos com vaquinhas tranquilas, pássaros em revoada... E o trem apitando, a fumaça traçando outros rumos pelo céu. Foram apenas 45 minutos! Outro tanto para voltar. A eternidade das lembranças e dos afetos.

Quanto custa esse trem? Não tem preço. E não é caro o suficiente para que não haja outros. Lá em Uberaba, onde nasci, há uma linda Maria Fumaça na Praça da Mogiana, certamente “doí-dinha” para sair apitando por aí. Certamente há muitas outras disponíveis para tornar a vida das pessoas mais felizes, através de passeios agradáveis e tranquilos. Que bom ter estado em São João Del Rei! Que bom voltar para Santos, onde bondes, esses “trens sem vagões” trafegam pelo centro da cidade. Que outras cidades sigam o exemplo de Santos e São João Del Rei, propiciando felicidade, revivendo lembranças e criando recordações para todos nós.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE OS DOCES NOMES DA NOSSA GENTE

IVAN

Reconheço perfeitamente – e até sou grato – o sacrifício que fazemos os dois misericordiosos leitores meus, pois, com sua atenção, meus textos não são inteira e totalmente inúteis; como também compreendo os que sobrevoam minha coluna mensal e nada mais fazem que tapar o nariz. O que não entendo é o desdém de todos que ainda não repararam na doçura dos apelidos de nossa valorosa gente, embora já tenhamos completado 170 anos, esvaídos entre os dedos do esquecimento coletivo. Para abrandar essa amnésia geral (eta, nós!) e prover a memória do nosso povo, colhi entre mil nomes, alguns que me parecem mais sonoros, para não dizer eufônicos. O Cuta, por exemplo, da família Passarela, embora Silvio estivesse mais para um passarinho da floresta amazônica ou um fruto nordestino. Era casado, vejam que ternura, com a Linha, diminutivo do seu irmão gêmeo Lã; a Martinha do Pesçoço Torto era assim definida para não ser confundida com outras Martinhas – como as Martinhas Glória e Ca-

nela – jamais como provocação pelo seu jeitinho de caminhar sob a inseparável sombrinha e a cabeça voltada para baixo. No sobrado da esquina, dona Ina; na janela, a Nela. Lá no fim do Largo, ombros erguidos acima do cangote, o Zote, e na Rua Direita, vestido como um del-fim, o Zelim. Dona Chão – ah, meu Deus, quanta singularidade - engomando os terminhos brancos para a missa do domingo que, terminada, esparramava os meninos espantados, disputando a primazia dos doces da mesa da Marcu-la, acomodada na calçada. À noite, acho que sempre às quintas-feiras, a Lídia aflita e no recato, detrás da porta, aguardando o namorado – o Beque – que se atrasara, arrebatando pipoca para ela. O Teleco cantava a modinha para sua Mãezinha, mãezinha também da terna Tatita. Na Rua da Sinhazinha, dona Sinhazinha recebia os músicos no fausto de sua sala e no seio da nobre família, para mais um sarau. Tata Chele calçava os sapatos de plataforma, ajeitava o turbante e, a cara da Carmem Miranda, ia encontrar-se com o namorado. A Puia rodava a saia no chão do terrei-

ro ao avistar o avião “que traz o meu namorado pra comigo se casar” e, feliz, cantava “sou siriri na beira do mar”, sem nunca ter visto o mar. Haveria casal mais poético? O Cabo da Rosa e, para identificá-la, a Rosa do Cabo, ambos mortos sem promoção: ele, sem chegar a sargento; ela, morta rosa mesmo. Mais valentes e unidos que Ceci e Peri eram Peri e Neca, pois, aqueles, filhos de Alencar, permanecem no livro, enquanto que estes, pais do Toninho do Peri, partiram para a eternidade depois que o mar tragou-lhes o menino de apenas 37 anos de idade.

Assim como os apelidos, a cidade era tão aconchegante, tão meiga, tão terna, tão querida que não se referia aos seus moradores pelo sobrenome, mas pelo parentesco, pelo relacionamento, pelos hábitos. O Clayton, por exemplo, naqueles tempos, jamais foi Guarini; era o Clayton da Nega do Nando, como agora o Fabrício seria o Fabrício do Clayton da Nega do Nando. Os olhos fais-cantes do Júlio da Bilina apelidaram-no Júlio Piri-lampo. Tinha até o Rega-ça Carça, pelo hábito de

dobrar a bainha (bainha, que beleza!) da calça, o Jair do Bio, o Bertucho de Humberto, o Luis do Juca e o do Pito, a cândida dona Marucha, mulher do inventor do sorriso – o Ernesto Gottardello – dono de loja, de vitrola e de um dente de ouro, no lado de cima e no canto da boca. Dona Floriza colhia flores pelo jardim, dona Aurora coava o amanhecer, dona Cremilda, imaculada, quem crê em tudo e a morena dona Corina, que coloriu os cabelos do Veio do Atilio, enquanto dona Mira do Vantim “acertou na mosca” ao conceber tantos filhos cheios de graça. Diga, há mais sonoridade que esta gente? Temos, graças a Deus, a Zuleica (Zuzu), tão piedosa que tomou a cor do céu e não seria exagero chamá-la Azuleica. E que dizer do sorriso preservado da Tite, cativante, apesar das perdas do Guto e do companheiro Acácio, de quem ela sempre foi sua acácia?

O que eu não daria para ouvir o Adolfinho, ainda com vida, mas distante dela, sussurrar, suplicante: “Tunha, minha Tunha, cadê você?”, embora Tunha, apenas Tunha, seja um rogo.

“Dá-me; é minha”, exigiu o Zé Bortoloti ao ser perguntado de quem se tratava a mocinha trigueira, de olheiras melancólicas. Atendido, casou com a Meminha.

E não me esqueço do nome do soldado Minigir-do que, caso se adotasse o pomposo Hermenegildo, jamais seria o protagonis-

ta que, na Revolução de 32, ao perceber a bala inimiga em sua direção, sacou o revólver a tempo de disparar e separar o projétil adversário ao meio, para sobreviver ileso. É o nosso herói despercebido. Mas o nome incomum ficou.

Só que aconteceu o inesperado: a tenra cidade cresceu e os doces nomes sumiram, mal substituídos por dáblios, ípsilons, tês e agás juntos, tomou jeitos de novo-rico e só se trata pelo sobrenome enobrecido pela abastança e não pelo feito. Perdeuse a graça, como perdi o

Teca (ou Conde), o Paulinho Boato, o Topázio, o Fernando Pavio, o Paço-quinha e seu irmão Anjo do Vito, o Todi, o Vitorino Pepino, o Varde do Bole-rinho, o Corão, o Lôla, o Alvrinho, o Carlinho do Totonho...

Emurcheci, portanto. E com razão. Tenho até saudade de mim mesmo.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

PAX

Paz interior
Se a cabeça não lhe condena.
Agora, paz social?
Não temos, é uma pena!

Engraçado, é preciso LUTAR pela paz.
Nessas horas eu palpito,
Sou avesso a conflito!

Nossos governantes
Beligerantes, ignorantes...
Pra que tanto fuzil, pólvora e pavio?
O que nos falta é brio!

Cá na Terra
Já não cabe mais a guerra
Mundo cheio de armas
E almas enfermas.

As guerras são... Aberrações.

Mais pomba e rama de oliveira!
Chega de bomba insana e matadeira!

BOB

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 61

ISMAEL RIELI

Durante um sermão, uma criança de colo começou a chorar muito e sua mãe resolveu carregá-la para fora do recinto.

- Por favor, minha senhora! - disse o pregador - a criança não está absolutamente me incomodando!

- Eu sei... Mas não é isso... O senhor é quem está incomodando a criança...

X X X
No tempo de eu menino as duas operações (cirurgias) mais comuns eram a da pênis - nó na tripa - apendicite e a ursa - úlcera. Doenças também eram poucas: sarampo catapora, rubéola "marsimio-to", colerina, defluxo, tosse comprida, diarreia.

Médicos especialistas não havia naquele então. Os facultativos, discípulos de Hipócrates, tinham que conhecer todas as peças do corpo humano.

X X X
O livrinho A Revolução dos Bichos é uma leitura rápida e agradável com apenas 10 capítulos curtos. Se você ler um por dia, em 10 dias você saboreia essa obra prima de George Orwell, aquele que no consagrado 1984 previu o mundo bigbrotheriano que ia chegar. Os primeiros capítulos da revolução são um peardo nas partes subalternas do bípode implume que se julga dono do mundo.

"Bichos da Inglaterra e da Irlanda,
Destas terras, destes ares,
Ouçam esta boa nova

Que se anuncia a nossos pares.

Cedo ou tarde podem crer,
O tirano irá ao chão
E nos campos da Inglaterra
Só os bichos pisarão.

Adeus, argolas nas ventas,
Adeus, arreios no lombo,
Freio e espora enferrujada,
Tala não mais estalando.

Mais fartura do que nunca,
Trigo cevada e aveia,
Feno, feijão e forragem
Teremos só para nós na ceia.

Luz nos campos da Inglaterra,
Cristalinas suas águas correrão,
Bafejo de doces brisas
No dia de nossa libertação.

Batalharemos por esse dia,
Ainda que não o vejamos.
Gansos vacas e cavalos,
Por liberdade nos movamos.

Bichos da Inglaterra e da Irlanda,
Destas terras, destes ares,
Ouçam esta boa nova
Que se anuncia a nossos pares."

Os sete mandamentos
1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas ou tenha asas é amigo.
3. Nenhum animal usará roupas.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal fará o uso de bebidas alcoólicas.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais.
No começo tudo ia bem, em perfeita harmonia.
Com o passar dos dias, dos meses e dos anos tudo começa a desandar e, por fim, os qua-

drupedes dominantes, porcos e cachorros viraram bípedes, donos do pedaço.

Os 7 mandamentos foram desrespeitados todos eles. Vieram, vicejaram as discrepâncias de classes, mordomias, nepotismo, tirania, golpe de estado, boicotes, conspirações, pena de morte, execução sumária, privilégios, corrupção, conchavos, opressão, puxa-saquismo do Além, o porco porta voz, capacho do todo poderoso ditador Napoleão, senhor das leis de baração e cutelo que depôs o Bola de Neve.

Ingratidão com Guerreiro, o cavalo trabalhador, o que mais trabalhou pela construção do moinho de ventos, duas vezes destruído. Velho e alquebrado veio um carroção para leva-lo ao hospital. Levaram-no para o matadouro. Virou mortadela, ingratidão, felonias.

Um livro instigante, uma alegoria muito atual, cuja leitura recomendamos.

X X X
A vizinha chega à casa de Doca e pergunta:

- Quem quebrou minha vidraça?

- Foi meu irmão - respondeu Doca.

- E como ele fez isso?

- Ele se abaixou bem na hora em que joguei uma pedra nele!

X X X
Hipérbole

Figura de linguagem que enfatiza ou exagera a significação linguística. Ex: João morreu de rir.

O Rio de Piracicaba

O Rio de Piracicaba vai jogar água pra fora

Quando chegar a água dos olhos de alguém que chora

Lá no bairro onde eu moro só existe uma nascente

A nascente dos meus olhos já formou água corrente

Pertinho da minha casa já formou uma lagoa

Com a lágrima dos meus

olhos por causa de uma pesoa

Mar Português
Fernando Pessoa
O mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram.

Quantos filhos em vão rezaram.

Quantas noivas ficaram por casar.

Para que fosse nosso, ó mar!

Valeu a pena?

Tudo vale a pena se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do bojador.

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu.

Mas nele é que espelhou o céu.

Quem foi mais hiperbólico? Fernando Pessoa do Mar Português ou George Henrique de o Rio de Piracicaba?

Negar quem há de? Ambos foram muito poéticos e há uma parecença no tema.

X X X
- Alô! Seu Brito? Como vai essa força? Aqui é o gerente do banco. Olha, eu só liguei pra avisar o senhor que sua duplicata venceu.

- É mesmo, é? Puxa, eu nem sabia que ela estava jogando...

X X X
CANITO'S

- Coisa mais sem graça: mesmo que a gente não vire a folhinha, o tempo passa.

- As transcendentais indignações que afligem o homem desde o início dos tempos (quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?) acrescenta-se hoje uma ainda mais perturbadora: conseguiremos estacionar?

- Tem gente que ao comer carne de porco está no mínimo cometendo a antropofagia.

- Se o mundo é assim e foi criado por deus, já pensaram no que seria se fosse obra do diabo?

- Análises comprovam: existem vestígios de leite no leite vendido em São Paulo.

- A única vantagem de ir pro inferno é a certeza de lá se encontrar uma porção de gente conhecida.

- O dia que a última arvore do Brasil for derrubada, ouvir-se-á um grande clamor de protesto e revolta. Partido naturalmente dos donos de serrarias e dos fabricantes de serras.

- Mineiro é assim: entra na chuva pra se molhar. Mas vai de capa, guarda-chuvas e galochas.

- Perdeu-se um carnê de financiamento. Pede-se a quem achou a fineza de quitá-lo.

- O que é o mundo. Pra criança rica comer é preciso insistir. Já a criança pobre insiste em comer.

- Existem políticos que não têm só piscina em casa. Tem também um mar de lama.

- O sonho dos colecionadores: o dia em que todos os países pararem de emitir moedas, notas e selos e eles puderem enfim completar sua coleção.

- O que dizer da elite dirigente? Que não é nem uma coisa nem outra, provavelmente.

- Um horrível pesadelo teve barata. Sonhou que era Franz Kafka.

- Pelado todo mundo nasce. Mas vendo as revistas masculinas a gente fica achando que tem mulher que pelada nasceu e pelada continuou.

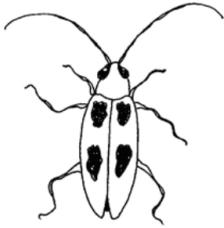
X X X
- Dr. Juiz, eu roubei porque não tinha o que comer lugar para dormir e nenhum amigo.

- Levarei em conta tudo isso. O senhor terá alimentação grátis por 5 anos, alojamento e muitos companheiros.

TERNURA

pela janela
o besouro

delicadamente
Olívia o pegou
disse-lhe confidências



e o soltou

KUAIA

DURVAL TAVARES

Por esse tipo de situação Rey Quexoto não passou, será? Com certeza seus pais e avós não. Senhor Massimo, Dona Bárbara, Maestro Parmiro e Cantora Ema, passaram por outros dilemas. Mas, como cantou Adoniran Barbosa: "Pogrêssio", "pogrêssio" / Eu sempre "iscuicitei" falar: / "pogrêssio" vem do "trabaio" / Então amanhã cedo, "nóis" vai trabalhar ..."

Com o progresso, o avanço tecnológico e o científico, a vida é mantida sob rigoroso controle. Nem estou falando da atualização quase constante dos nossos equipamentos (computadores, micros, celulares) tão bem tratada na crônica do Valdo Resende. Aí o "pogrêssio" está bem vinculado ao comércio. Você pesquisa um hotel na internet e não pára de receber anúncios de viagem, o que por si só é uma sacanagem. Mas vamos nos limitar ao progresso científico, por conta do qual seu corpo é escaneado por dentro e por fora a bel prazer do médico de plantão. Por exemplo, você entra num consultório com um pequeno problema e dele sai com um problemão. Isso quando recorre a uma consulta presencial, o que começa a ser algo anormal. Mas você é normal? A verdade é que aquela sua dor na coluna, hoje trivial nas pessoas normais - repito: você é normal, né? - é parcialmente transferida para a sua cabeça. De uma não tão simples e incômoda dorzinha

à uma complexa e grande dor de cabeça na ponta de uma caneta, melhor, no teclado de um notebook: a lista de exames médicos a realizar, maior do que a ficha corrida de um monte de meliantes. Pois é, essa sua "prescrição-corrida de exames" não se contenta em ocupar uma ou duas folhas de papel A-4, mas outras tantas com exames de diferentes naturezas. Talvez seja porque hoje em dia médico algum escreva a mão (o que o levaria a ter um distúrbio musculoesquelético - isso sim é sacanagem), mas só usa um teclado e uma impressora, daí não se preocupar em listar e listar sem dó nem piedade, mesmo tendo feito o Juramento de Hipócrates. Pronto, você sai feito um tonto com uma enorme lista dos exames chamados de rotina, exames de ultrassonografia de partes vitais (se bem que num corpo vivo, todas as partes o são), entra literalmente na colonoscopia, endoscopia digestiva, segue para os exames de uma ou outra categoria, como os de ressonância magnética da coluna, dos quadris (ou bacia), dos joelhos e, de joelhos, você implora para o médico não pedir mais nada. Em vão. Ele não se conforma e taca-lhe os de radiografia dos pulmões, de cardiograma, de ecocardiograma, e você vai na esteira fazer um de esteira. Quer mais: densitometria óssea mostrará se você precisa de cálcio ou de um calção. E não se faça de surdo ao perguntarem se tem mais algum problema, porque lhe

será recomendado um exame de audiometria. E qualquer CID da vida aparecerá. E são tantas menções a esse tal CID que pode se recordar de El Cid (nome de guerra de Rodrigo Díaz de Vivar, nascido em 1043 em Burgos, Espanha, onde veio a entrar em óbito em Valência, em 10 de julho de 1099). Descobri, em pesquisa, que existe uma classificação de doenças conhecida como CID, que não é El CID. A nova versão da CID, que é a CID-11. Dessa forma, saio da Espanha e vou para a Suíça. Essa versão consolidada da nova classificação de doenças foi avaliada durante a Assembleia Mundial de Saúde, realizada em Genebra. Foi apresentada para os Estados Membros em maio de 2019 e entrou em vigor em 1º de janeiro de 2022. Ela é totalmente eletrônica, sendo mais fácil de usar e menos propensa a erros, de acordo com a própria OMS. Tem a função de monitorar a incidência e prevalência de doenças, o que faz por meio de uma padronização universal de doenças, levando em conta problemas de saúde pública, sinais e sintomas, queixas, causas externas etc. (não me aprofundo por falta de conhecimento). Bem ou mal compreendida a razão da tal CID, teremos uma modesta lista de exames médicos, goste ou não (nada de inconformismo), porque são todos bons para a saúde de seu organismo (acredite, per favore). Mas alguns doutores não citam a CID, citam uma tal TUSS (Terminologia Unificada em Saúde

Suplementar ou TISS (Troca de Informações na Saúde Suplementar). Bom, melhor falar dos exames obrigatoriamente recomendados e que peço ao leitor para fazer uma "lista de grandes amigos / quem você mais via há dez anos atrás / quantos você ainda vê todo dia / quantos você já não encontra mais" (ops! Falha nossa - citei a primeira estrofe da canção "A Lista", de Oswaldo Montenegro, que recomendo seja ouvida). Voltando à vaca fria, a lista a que me refiro é a de exames de sangue (sangue frio nessa hora), exames de imagem (sem sacanagem de fotos impróprias), exames cardiológicos (coração pode e deve bater, ou então a lista fica por fazer), exames preventivos (alguns desnecessários com o uso de preservativos), exames laboratoriais (tudo o mais). Um verdadeiro e interminável check-up (pode resultar num up grade of your body - miglioramento del tuo corpo). Tá bom, chega? Deixo para próximos artigos comentários sobre novos exames e/ou diagnósticos e/ou tratamentos. Um importante lembrete antes de terminar: Se você não estiver afinado com esses assuntos medicinais (doenças, remédios, exames etc.) pode encontrar problema, até ser bloqueado em grupos do Instagram, do Facebook, do Whatsapp. É um grande dilema, porque se nada souber a respeito perderá o respeito num papo entre amigos. Hoje em dia é assunto obrigatório

a partir de certa faixa etária (me recuso a dizer qual). Não adianta tentar falar do sabor do torresmo que você comeu no bar do Irineu se não falar amiúde sobre as consequências à saúde que o exagero do seu consumo poderá causar.

Se você souber algo sobre alguma doença e sugestões de medicamentos - genéricos, de preferência, ou de manipulação, ou na boca do povo, como por exemplo, os benefícios do ovo - certamente gozará de prestígio.

Se tiver indicação de farmácias da região como promoção na venda de remédios, será elevado de categoria. Se souber de um ou outro chá, será chamado de "meu chapa". Bem, esteja sempre atualizado, porque o assunto vira e mexe é esse. Jamais siga a orientação colocada numa placa na recepção do consultório do Dr. Joshep H. Romeu: "Fale de tudo, até da vida alheia, mas não fale de doença, porque delas ouço o tempo todo".
Saluti a tutti!

CASAMENTO

Ciclo duradouro
de amor e companhia,
de alegrias e realizações.
Não quero falar de tristezas,
mas de boas lembranças,
e momentos de felicidade,
porque apesar de tudo,
resta um afeto profundo e
duas vidas maravilhosas
que fizemos nascer,
para sempre...

Yoshiharu Endo

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praíinha)

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

OS FINS DE DÉDALO DE ATENAS

MATHEUS ZUCATO

É bem conhecido o mito de Teseu e do Minotauro; contudo vale resumir em uma curta passagem uma conjectura de seu intrincado enredo.

A versão encontrada nos entalhes de uma antiga e extinta escola de gladiadores de Tarento — soterrada hoje sob um edifício público de muitas e confusas saletas —, homenageia a tradição oral de Hesíodo e Heródoto. Infere-se pelas figuras greco-romanas a história que nós conhecemos, ainda que seja outra: a ilha de Creta possuía um rei, que era Minos. Para estabelecer o seu governo em detrimento dos rivais, e patrocinado por uma divindade que intercedesse e legitimasse sua posição, o rei orou a Posídon e rogou que ele lhe enviasse do mar um touro branco como a neve, o mais belo de sua espécie, signo da grandiosidade de seu domínio, e que o animal seria então sacrificado em ritual, como homenagem ao deus supremo do mar. Tendo sido favorecido, o rei cretense recebeu o touro cuja extraordinária beleza o encantou e o fez quebrar sua promessa para com o deus, pois ele decidiu manter o animal símbolo da beleza, força e magnificência de seu reinado. Posídon, enfurecido, auxiliado por Afrodite, como punição ao rei vaidoso, fez a esposa de Minos, de nome Pasífae, se apaixonar de forma enlouquecedora pelo touro. Tal foram os encantos da deusa sobre a esposa, que ela exigiu ao famoso arquiteto e artesão Dédalo que lhe construísse uma vaca de madeira, donde a rainha entraria para poder copular com o distinto animal. Da abominável união nasceu o imenso Minotauro: metade homem, metade touro, ainda que haja diferentes versões sobre a natureza de cada uma das metades. Era o monstro, em significado de

nome, o “touro de Minos”, um castigo terrível para o rei e a rainha de Creta. Apesar de ter sido cuidado pela mãe durante a infância, quando o ser cresceu, não podia mais permanecer entre os homens, pois ele não tinha qualquer fonte natural de alimento e precisava devorar pessoas para sobreviver. Minos, após aconselhar-se com o oráculo em Delfos, pediu a Dédalo que lhe construísse um gigantesco labirinto para abrigar a criatura, localizado próximo ao palácio do próprio Minos, em Cnossos.

Na época, Atenas havia sido derrotada por Creta em conflito que não nos interessa pormenorizar. No entanto, é de suma importância o tributo imposto por Minos, em vingança de seu filho assassinado, Androgeu, aos atenienses: a cada nove anos [algumas fontes colocam este prazo como sendo anual] os atenienses deviam selecionar sete rapazes e sete donzelas para serem jogados no labirinto e devorados pelo temível monstro. De Atenas surge o mítico Teseu, filho do derrotado rei Egeu, que se voluntaria a adentrar o labirinto e matar o Minotauro. Para não se perder dentre as intermináveis paredes, o corajoso herói carregou consigo um novelo de lã, dado a ele por Ariadne, filha do rei Minos, que havia se apaixonado pelo bravo rapaz. Teseu entra no labirinto, mata a criatura e escapa da construção. Na volta, cinco versões diferentes narram como Ariadne é abandonada na ilha de Naxos enquanto Teseu volta triunfante para Atenas. Ele e seu pai Egeu haviam combinado que, caso o jovem sobrevivesse à aventura, voltaria com velas brancas içadas no navio, e em caso de ter sido derrotado, velas negras deviam ser a mensagem ao pai. Ora, Teseu, vitorioso, se esquece de içar velas brancas,

e quando Egeu vê ao longe as velas negras no navio de seu filho, se desespera e se atira no mar, desaparecendo para sempre.

Quero deitar a pena sobre o lendário Dédalo, notável inventor, já refugiado em Creta após ter assassinado seu sobrinho Perdiz, quando este mostra habilidades inventivas ainda superiores às suas. Este fato confirma a personalidade do homem, que não pode ser tomada por nós como figura apática da História grega. Não é aceitável a passividade — ignorante ou premeditada, é indiferente — do homem ao construir seus dois mais atrozes inventos: a vaca para Pasífae e o labirinto para Minos. É absurdo deduzir que tenha concordado de primeira mão com os dois pedidos. No entanto, aceita e realiza grandioso trabalho. É intuitivo, mas não suficiente, justificar que apenas cumpriu ordens da rainha e do rei de Creta. Não, o caráter de Dédalo é, após detalhe minucioso de sua participação no destino de Minos, Pasífae, Teseu e Egeu, transparente como vidro. A curiosidade é a pureza da ignorância: como seria interessante descobrir qual dos dois projetos mais o excitou. Ainda, como seria inútil conjecturar qual das obras mais aviltou a sua reputação, uma vez que ela estivesse sustentada na praticidade e desempenho de suas invenções, não nas causas e consequências delas.

As consequências de apenas dois inventos de Dédalo são: (1) A viabilidade da zootopia para Pasífae e a consequente humilhação de Minos; (2) A concepção de um monstro sem identidade certa, incapaz de reconhecer nos espelhos sua própria natureza, que é dupla e, por isso, nenhuma; (3) A semente que germinaria na cabeça de Minos o pesado tributo imposto aos atenienses, isto

é, o envio dos quatorze jovens para a morte certa no labirinto do Minotauro; (4) A morte de Minotauro, filho de Pasífae; (5) O abandono da donzela Ariadne na ilha de Naxos, por Teseu. (6) O suicídio de Egeu no mar que carregaria futuramente o seu nome; e tantas outras infinitas consequências que diretamente têm relação com a história do Minotauro, como por exemplo a Proclamação da República do Brasil.

Ainda acrescento: quando Minos descobriu que Dédalo havia construído a vaca para Pasífae e — segundo algumas versões — ajudado Teseu a se portar no labirinto de maneira que não se perdesse, o rei de Creta decide aprisionar o traidor arquiteto em seu próprio labirinto. Algumas versões dizem que Dédalo morreu lá; outras, que estava dentre os captivos libertos por Teseu quando este mata o Minotauro; uma terceira versão conta que o famoso inventor, ao saber de sua iminente prisão, foge da ilha ajudado pela esposa do rei. A vigésima sétima versão traça árvore genealógica até Jorge Luis Borges.

Cabe ainda citar neste texto algumas últimas consequências do inventor: duas versões diferentes narram a morte de Ícaro, filho do traidor, ao acompanhar o pai na fuga para a Sicília; passaria a servir com toda a potência de suas habilidades e propósitos o rei Cócalo, amaldiçoado com a sina dos maus hospitalares por ter assassinado [à pedido do fugitivo] o rei Minos numa emboscada em seu próprio palácio, após convidá-lo como hóspede. Seja arauto do mal ou apenas regicida revolucionário, foi fazer história na Sicília, que contou com muitas maravilhosas obras de Dédalo, das quais nenhuma chegou até os nossos dias.

DUAS PALAVRAS: SOBERBA E MELINDRE

L. A. GENGHINI

Começamos pelo dicionário que nos informa a etimologia e os sentidos de uso das palavras Soberba e Melindre.

Soberba: substantivo feminino. Sentimento de superioridade em relação a outra pessoa; orgulho, altivez, arrogância, presunção. [Pejorativo] Comportamento da pessoa arrogante, presunçosa; prepotência. Sobreposição de algo que se encontra em lugar inferior; elevação, sobrançeria. Etimologia (origem da palavra soberba). Do latim *superbia*, isto é, “arrogância”. Soberba é sinônimo de: orgulho, altivez, jactância, arrogância, sobrançeria, presunção, prepotência, intolerância, jactância e o antônimo de Soberba é humildade. (<https://www.dicio.com.br/soberba/>), enquanto Melindre, substantivo masculino, significa delicadeza na maneira de tratar alguém. Tendência da pessoa que se magoa com facilidade, especialmente por coisas sem muita importância; suscetibilidade. Sentimento de constrangimento ou de vergonha; pudor, recato, escrúpulo. Etimologia, origem da palavra, melindre em espanhol é o nome dado a vários tipos de doces, portanto relacionado a mel. Melindre é sinônimo de: escrúpulo, pudor, ressentimento, suscetibilidade, recato (<https://www.dicio.com.br/soberba/>).

Como se vê, embora estejam sempre juntas, soberba e melindre não são sinônimos nem antônimos. Resta

que no cotidiano da vida em sociedade a soberba é causa do melindre, logo melindre é consequente de soberba, entretanto ambas podem afetar as pessoas no convívio social, familiar e profissional e ninguém está isento de ser sujeito de uma delas ou de ambas.

A soberba é tão forte que se encontra listada entre os sete pecados capitais e atinge as pessoas sem que estas o percebam, porque está relacionada com a sensação de sucesso, de projeção e de poder. Logo, é comum que pessoas normalmente tidas como boas, legais e solidárias se deixem afetar pela soberba em função de seus sucessos, da projeção social que vão galgando e do poder que passam a deter e a usar, de tal modo que a sobrecarga decorrente da condição assumida leva o indivíduo a se tornar seletivo, distante, muitas vezes displicente e arrogante.

Em consequência da soberba o indivíduo deixa de dar atenção a velhos amigos, passa a ignorar compromissos e a tratar os demais com certa dose de desdém e, quando lhe convém, tem sempre alguém (esposa/o, parente, secretária/o, assistente, advogado, etc.) a quem imputar a culpa pela omissão e a consequência da soberba.

É comum a ocorrência da soberba em pessoas promovidas recentemente, em ganhadores de fortunas, grandes ou pequenas, em posição social no grupo e, principalmente, naqueles que se dedicam à carreira política.

A atitude de soberbia pode ocorrer em função da postura assumida, portanto consciente, ou em função de sobrecarga de compromissos, agendas mal administradas ou falta de assessoria eficaz.

Atos de soberbia podem ser conscientes ou inconscientes. Os atos inconscientes ocorrem pela má administração da condição pelos indivíduos, enquanto a consciente ocorre “de caso pensado” e é cercada de fantasias, pequenas ou grandes mentiras, engodos e outros artifícios que contribuem para que o soberbo atinja seus objetivos.

Estaria tudo bem se o indivíduo soberbo fosse o dono das situações e não compartilhasse os resultados de seu comportamento com a sociedade. Ao compartilhar sua vida com a sociedade, embora atingindo seus objetivos imediatos, o soberbo vai deixando um rastro, uma fila de pessoas infelizes, ressentidas e frustradas, cujo conjunto formado por sentimento de rejeição, de mágoa e de frustração podemos chamar de Melindre.

As pessoas melindradas tendem a se retraírem, a se tornarem menos participativas e, ressentidas, podendo se isolar ou tornarem-se ferrenhos adversários do soberbo, a desenvolverem ações de sabotagem, de oposição ou guardar silenciosamente o ódio reprimido que poderá explodir em qualquer situação que a propicie e, dependendo do sucesso que o melindrado possa ter, dará também início a outro ciclo de soberba.

Assim, soberba e melindre se completam, logo são interdependentes.

Estamos em época de reivindicações e temos à disposição o maior laboratório social em ebulição que nos permite observar a soberba e o melindre em plena ação.

O soberbo esquece compromissos, ignora amigos, promete o que não tem, chama a todos de amigos, principalmente os desconhecidos, tem olhar perdido, parece estar sempre cansado, gostaria de estar em outro lugar e não consegue se concentrar em ouvir, a não ser o que lhe agrade. Onde passa deixa um rastro de dúvidas, de incertezas, de ansiedade e de sensação de vazio que levam seus interlocutores ao dissabor, à desilusão e à desesperança, portanto ao melindre.

Ao melindrado fica o vazio e a esperança desvanecida que os conduzem ao descrédito e a apatia, algumas vezes buscando práticas compensatórias ou não. O melindrado se exclui, se fecha ou reage em atitudes reversas ao soberbo, porém sempre correndo o risco de ter a frustração e o melindre aumentados.

A sociedade dinâmica, competitiva, consumista e imediatista de nossos tempos propicia oportunidades muito mais numerosas de as pessoas se envolverem em situações de soberba ou de melindre. É preciso cuidado e, se necessário, terapia, porque a vida saudável e o convívio harmonioso em sociedade, no trabalho e em família ainda é o maior tesouro que alguém pode almejar ou ter.

Até qualquer hora pessoal!

A LENDA DA LÍNGUA DOS GATOS

ERALDO HUMBERTO MONTEIRO



Certo dia meu mago de estimação disse-me que quando era pequeno os gatos de sua casa falavam português. Isso era muito bom porque todos os cinco gatos da casa, além de obedecerem às ordens, podiam até reclamar da

comida quando não estivesse lá muito boa.

Só que um dia apareceu na casa um gato estranho que falava uma língua muito estranha. Desde então os cinco gatos da casa passaram a falar o português que falavam misturado com a língua estranha do gato estranho.

E o gato estranho passou a falar a língua estranha que falava misturada com o português falado pelos cinco gatos da casa.

Foi uma confusão danada e meu mago de estimação já não sabia o que os gatos falavam. Daí que, com grande sabedoria de mago, decidiu que até o fim dos tempos todos os gatos da terra falariam miau miau.

É por isso que os gatos miam.

SABIÁ LARANJEIRA

O rádio e a TV foram tão impertinentes
Lançando em seus programas uma nota triste
Queriam acabar com o canto que a gente
Gosta de ouvir em manhãs que o coração resiste

É o nosso conhecido passarinho trinador
Com seu canto melodioso o sabiá laranjeira
Mas teimando os maldosos com muito rancor
Que aquele pássaro depõe a fauna brasileira

E quando o pássaro infla seu peito
E a doce melodia sai como que por encanto
Seu trinar jamais apresenta defeito
Ainda mais quando canta em nosso recanto

E os mais velhos sempre apregoando
Que o canto do Sabiá piedade é promissor
Pois quando o lavrador está semeando
Fofeando a terra com esmerado labor

E quando o articulista pergunta
Ao Genghini onde os sabiás se escondem
A resposta vem quando alguém assunta
Que aqueles pássaros fazem as sementes
[brotarem

Gente importuna deixem as aves cantar
Pois elas predizem que as sementes brotarão
E seus frutos vão proliferar
Pois foram plantados na pureza do nosso chão

E o Romildo Labigalini do armazém de secos
[e molhados
Pede muita calma pois o sabiá não vai parar
[de cantar

E naqueles terrenos onde os grãos já brotados
Muitas famílias com eles vão se alimentar

E o José Alaércio entoar: piedade senhores
Os sabiás tizius bigodinhos e coleirinhas
Que continuem cantando com seus louvores
Pois todos agradecem os cantos das avezinhas

Arlindo Bellini

(Dados coletados ao ler a crônica de José Alaércio Zamuner, publicada no Jornal 'Monte Sião', edição 615, de setembro de 2023).

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADURO) **3465-5463**

LIBERDADE ÀS BORBOLETAS

J. CLÁUDIO FARACO

Em minhas caminhadas diárias pela cidade, sigo sempre atento às vitrines das lojas em busca de alguma borboleta presa pelos vidros. Sempre que identifico alguma se debatendo em busca da liberdade tomo uma atitude: na primeira loja que encontrei já percebi uma delas naquela situação. Entrei e a moça já veio ao meu encontro. Cumprimentei e solicitei licença a ela para retirar aquela borboleta, pois caso contrário ela morreria ali mesmo. Porém, a moça tomou atitude e retirou-a com muito cuidado. Em segui-

da, foi até o meio da rua e a libertou. Agradei-a pela atitude e retomei minha caminhada, não encontrando, porém qualquer outra borboleta presa nas vitrines. Animado com a atitude da moça, nem precisava, mas disse-lhe que o lugar correto das borboletas é a liberdade de voar e embelezar os ares da cidade com suas cores e o pouso, das mesmas, nas flores do nosso jardim, onde elas buscam seus alimentos. Portanto não vejo mais nenhum sentido naqueles que caçam borboletas para espetá-las com um alfinete numa folha de papel para exposição. Isso foi coisa do passado, hoje, creio eu,

ninguém mais pensa em semelhante crueldade. Portanto, aproveito o ensejo para lançar um apelo a todos os proprietários de vitrines que sigam com a ideia de não deixar nenhuma borboleta presa a elas. Libertem-nas e teremos, com certeza, uma cidade mais bonita, embelezada pela presença dessas maravilhosas voadoras criadas por Deus!

E ANTES DE TERMINAR, MAIS UM DESABAFO: CHEGA DE GUERRAS E MORTES, POIS TODAS AS MULHERES E HOMENS DE BEM DESEJAM SOMENTE A PAZ NO MUNDO.

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

A infância, com certeza, é a fase mais importante na vida de qualquer pessoa. O começo de tudo. De tudo aquilo que irá nos acompanhar no futuro. Porque nunca deixará de existir uma criança dentro de nós. Aqueles tempos de alegria em cada pequena coisa, da ingenuidade e inocência. Briguinhas de crianças duram pouco: uma pega o brinquedinho da outra, vem a choradeira e em logo está tudo normal novamente. Não sobram raiva nem desejos de vingança. As crianças são pu-

INFÂNCIA

ras e sinceras, falam o que têm que falar sem nenhuma barreira. Depois vão sendo contaminadas pelo mundo incoerente dos adultos.

O mais triste é que aqueles doces tempos não voltam nunca mais, mesmo que a gente possa repetir certas situações. Nunca mais será igual subir em uma árvore, pescar ou andar de bicicleta. Nem sentar numa calçada, brincar de pega-pega ou passa-anel. Ou rodar pião, jogar bolinha de gude e colecionar figurinhas. Nunca mais será igual porque, mesmo sendo tão pouco, tudo aquilo já era muito.

Aqueles doces tempos

serão apenas vestígios de aventuras e sonhos guardados num baú de lembranças. De repente, a gente abre e salta uma boneca ou uma bola. De repente vem a doce imagem da professora ensinando as primeiras letras; da deliciosa comida da mãe; do pai chegando do trabalho; da mão dos avós acariciando a cabeça. Vem um cheiro de saudade, uma dor no peito, uma lágrima nos olhos. Vem tudo aquilo que não poderá mais existir.

A única solução — para o adulto que cresceu — é cuidar das crianças que virão. Com um pouco de saudade e muita esperança!

A CACHOEIRA DO COQUEIRAL

ROMILDO LABIGALINI

Era uma sexta-feira, noite de carnaval. Meu irmão Ronaldo, moço, com vinte anos, foi até a Lanchonete "Kumbuka", e em uma mesa estavam sentados seus inseparáveis amigos: Baiano, Serginho do Toninho do Peri e Jair Codorna, conversando e bebendo uns "esquentarabo". Ronaldo sentou-se também, ficaram conversando e bebendo. Às 11 da noite alguém sugeriu de irem acampar na Cachoeira do Coqueiral, onde eles sempre frequentavam. Lembra-ram que o amigo Cunha tinha um rancho na outra margem do rio Eleutério e foram até a casa dele, no alto da cidade emprestar a chave. Bateram na porta e o Cunha veio atender, sonolento, com aquele cabelão todo ouriçado (naquela época ele ainda tinha cabelos) e pediram a chave. Ele foi até seu quarto, voltou com a chave e a jogou para um deles. Saíram de lá e foram descendo: a primeira casa foi a do Baiano. Ele entrou pegou batatas, macarrão, alho, cebola, sal e colocou tudo e sua velha mochila. A segunda casa foi a do Serginho, que também pegou algumas coisas e uma lata quase vazia de marmelada. Ele disse ao Ronaldo que nos fundos da casa do seu avô Peiri havia um depósito onde o Peiri guardava as bebidas do seu bar. Serginho tinha a chave e os dois entraram lá, no escuro, para não acordar o avô, e cada um pegou um litro de bebida. La fora viram que era "Fogo Paulista" e "Menta".

Passaram no açougue do Sr Davino Matias, e seu filho Jair

Codorna tinha a chave. Entrou, cortou um grande pedaço de toucinho já salgado, linguiça e cinco ovos de pata. A última casa foi do nosso pai, e Ronaldo entrou, pegou arroz, açúcar, pó de café, sal, sua inseparável tarrafa colocou tudo em sua mochila. Foram a pé tomando as bebidas, conversando, rindo e subiram o morro da Virtuosa, quando começaram a descer, notaram que havia um tanquinho e ouviram o coaxar de rãs. Ronaldo e Baiano passaram por baixo de uma cerca de arame farpado, foram até lá e pegaram quatro, mas a maior delas afundou. (geralmente quando a rã afunda, ela retorna no mesmo lugar).

No tanquinho havia pequeno barranco que dificultava pegá-la. Baiano deitou-se de bruços, com o farolete na testa e disse ao Ronaldo que quando a rã aparecesse, ele daria um sinal com a cabeça e Ronaldo o empurraria pelos pés, até ele ficar na posição certa. Deu certo, ele conseguiu pegar a grande rã.

Voltaram na estrada e foram descendo até chegar à cachoeira. La estava tudo alagado, pois havia chovido muito na cabeceira do rio, e a enchente havia levado a pinguela onde eles iriam atravessar para chegar até o rancho. Eles estavam famintos, limpavam as rãs e Baiano encontrou uma lata vazia de Leite Ninho, lavou-a e fizeram um fogão cercado com algumas pedras. Como não tinham nenhuma panela, usaram a lata vazia de marmelada, puseram pedaços de toucinho e fritaram as rãs. Baiano colocou água na lata e pôs todos os ovos para cozinhar

Depois que encheram o

bucho, prepararam suas "camas" debaixo do bambuzeiro. Por sorte, encontraram pedaços de papelão e lá passaram o resto da noite. Quando amanheceu, fizeram café, e o rio havia baixado um pouco, mais ainda com muita correnteza e mesmo assim, resolveram atravessar a nado. Ronaldo e Baiano bons nadadores pegaram todas as mochilas e atravessaram o rio. Serginho e Codorna também entraram nadando e quando estavam no meio do rio, não conseguiram atravessar, e a correnteza foi levando os dois. Por sorte mais abaixo havia um bambuzeiro, e diversos bambus estavam caídos sobre o rio. Eles conseguiram agarrá-los e saíram salvos, até a outra margem. A enchente havia invadido o rancho, que estava com muita lama. Lavaram tudo e ficou limpinho. Daí a pouco ouviram o barulho de um trator que estava chegando; era o amigo Luiz Clemente, que tinha um sitio perto do rancho, e resolveram colocar outra pinguela. Cortaram um grande pé de eucalipto, e Luiz, com o trator o levou até a beira do rio. Todos se empenharam em colocá-lo e depois de algumas horas a nova pinguela estava no lugar.

No domingo regressaram felizes para suas casas. Todo o ano, Ronaldo que reside em Linhares, no Espírito Santo, vem comemorar seu aniversário aqui em Monte Sião, no sitio do nosso irmão Tadeu, e sempre convida seus amigos da época da juventude, e as recordações são sempre comentadas.

Bons tempos da mocidade da década de oitenta.

FUNDAÇÃO CULTURAL "PASCOAL ANDRETA"

Lei Municipal que a declara de utilidade pública: nº 972/1984
Lei Estadual que a declara de utilidade pública: nº 15349/2004
Lei Federal que a declara de utilidade pública: Portaria nº 347/DOU 15/02/2012
Cadastro na Secretaria de Estado da Cultura: nº 732
Rua da Saudade, 115 - Monte Sião - MG
CGC 17.414.632/0001-02



EDITAL DE CONVOCAÇÃO - 2ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 2023

O Presidente da Fundação Cultural "Pascoal Andreta", Engº José Ayrton Labegalini, no uso de suas atribuições e poderes, devidamente conferidos pelo seu estatuto social averbado no Ofício de Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob Nº 20/02 do Livro A-007 em 15/09/2009 nesta Comarca, cumprindo os termos de seus artigos 15 e parágrafo 1º, 13, vem **CONVOCAR** os senhores Membros Natos Fundadores seus Diretores, seu Conselho Curador e Fiscal, juntamente com o I. Membro Ministério Público desta Comarca; e também o seu Advogado Dr. João Lúcio Genghini Júnior OAB/MG166.320, para realizarem a **SEGUNDA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA do ano de 2023 a ser instalada em 1ª (primeira) convocação às 18:00h (dezoito horas) do dia 01 de dezembro de 2023**, na residência do Presidente da Fundação, sito na Chácara Verana, no Bairro do Rio das Pedras, nesta comarca de Monte Sião-MG, com a presença do número mínimo de 50% de seus integrantes, mais um, razão que, se não auferido o quórum qualificado no dia e hora determinados, fica desde já marcada a **2ª (segunda) convocação para mesmo dia, às 18:30h (dezoito e trinta horas)**, e no mesmo local e dia, quando será constituída com qualquer número de presentes, nos termos do parágrafo 1º do artigo 15, para deliberação dos seguintes assuntos:

- Leitura e aprovação da Ata da 1ª Assembleia Geral Ordinária de 2023;
- Dar a palavra a seu presidente e membros da diretoria, para que promovam a prestação de Contas sobre o andamento das atividades realizadas pela Entidade, no ano de 2023, (Registro das atividades Culturais);
- Dar a palavra ao Sr. Presidente e Sr. Diretor Financeiro para prestarem contas sobre a execução do Plano de Trabalho de 2023 - Subvenção da Prefeitura; repasse de recursos provenientes Prestações Pecuniárias da Comarca, Emendas Impositivas da Câmara e das contas privativas da Entidade; aporte de contribuições do empresariado e outras fontes de recursos.
- Dar a palavra ao Conselho Fiscal para ratificação e aprovação das contas apresentadas;
- Dar a palavra aos Membros do Conselho Curador;
- Tratar das doações recebidas em 2022, Receitas da Biheteria e prestar contas sobre destinação dos recursos na manutenção do museu, demonstrar saldo financeiro e reserva atual. Tratar dos recursos administrativos financeiros da Gerencia Executiva.
- Agradecimento aos colaboradores
- Tratar de outros assuntos por solicitação dos conselheiros ou por conveniência de seu presidente, que seja indicado para deliberação. (Palavra da Gerencia Executiva).

A publicação na imprensa local é dispensada conforme seu estatuto, sendo somente requisito; a afixação do presente edital em sua sede, bem como a notificação pessoal, ou por carta simples aos interessados; meio estatutário de comprovação sobre a presente convocação e chamado, para que surtam todos os efeitos de fato e de direito junto aos que estejam interessados, estão aqui devidamente convocados, ainda que no local e data e horário determinados, estejam ausentes.

(*) Havendo procuradores legais, esses deverão estar presentes 15 MINUTOS antes do início dos trabalhos, para validação de seus instrumentos de mandato junto ao Diretor Secretário da Fundação, ou a sua ordem.

Monte Sião, 25 de outubro de 2023

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

EPTV NA ESCOLA

REDAÇÕES DOS MONTE-SIONENSES CLASSIFICADOS

O Projeto EPTV na Escola, com o tema geral "Somos a Natureza por que precisamos restabelecer nossa relação com ela?", promovido pela EPTV, classificou entre os primeiros dez colocados duas redações de alunos da escola monte-sionense E. M. Padre Reinaldo. Deixamos as redações a seguir, com nosso orgulho e congratulações pela conquista dos alunos e dos professores.

O SEMEADOR

Aluna: Jesuely Vitória dos Santos Nicolau.

Professor: Marcelo de Lima Coutinho.

Cada vez mais estamos vivendo em um mundo tecnológico, com um ritmo alucinado devido à rotina de trabalho e de estudo, ficando imersos em nossas casas, trabalhos, quartos e celulares e nos conectar com a natureza está cada vez mais difícil.

Na contramão desse ritmo, encontrar pessoas que semeiam ideias de preservação, de reconexão com a natureza é raro. E foi com a escola que conhecemos um morador de um bairro aqui próximo, Geniel da Silva. Como grande parte dos moradores dessa cidade, conhecida por ser a "Capital Nacional do Tricô", ele tem uma malharia e trabalha na confecção de peças de vestuário, porém, junto com esse trabalho, ele toca um importante projeto em frente à sua casa.

Há quinze anos aproximadamente, quando se mudou para o bairro, havia ali uma grande área degradada pela erosão, uma verdadeira voçoroca, na qual a cidade despejava o lixo. Então ele começou a plantar alguns ipês, fazer pequenas melhorias, parcerias com a comunidade, a prefeitura, envolver a vizinhança, principalmente as crianças do bairro. E juntos conseguiram algo que parecia impossível: transformar a área em um Bosque com

mais de duzentas árvores frutíferas; preservar a mata nativa; recuperar as nascentes; fazer um viveiro de mudas e fornecê-las para todos os que lá visitam; e, recentemente, começaram a implantação de uma horta comunitária. O Bosque das Frutas também tem uma quadra, parquinho de areia, praça arborizada sempre cheia de visitantes que, além de brincar, saboreiam as frutas no pé e ajudam no viveiro de mudas.

Esse morador conseguiu plantar algumas sementes que já estão dando frutos e a principal foi envolver as crianças do bairro. Muitas delas já cresceram e, além de frequentar o bosque, ajudam na preservação e produção de mais mudas. Ele diz que tem muitas melhorias no bosque ainda para fazer a fim de tornar essa área um local ainda melhor para visita de todos, principalmente das escolas do município. Seu maior sonho é o de produzir um milhão de mudas para serem doadas.

Acredito que mais do que cuidar do meio ambiente, o trabalho do Geniel é o de reconectar as pessoas com o meio ambiente, semear a preservação, cultivar o bom exemplo do amor à natureza, doar-se diariamente e, principalmente, melhorar a qualidade de vida de todos.

MINHA HERANÇA NATURAL

Aluno: Enzo Faraco dos Santos.

Professora: Luciana Scachetti Avancini.

A minha infância sempre foi muito simples, os melhores momentos se passaram no sítio da minha tia. Lá sempre me senti em "casa". Mas, desde que me entendo por gente, sei que a minha ligação com a natureza não vem só de mim. Meu vô, o pai da minha mãe, era um homem muito simples, ho-

nesto e sempre procurava ajudar as pessoas e cuidar da natureza. Por conta dele temos um pé de limão na casa da minha avó. Mas não foi só isso que ele fez, seguiu semeando pela cidade de tal forma, que tem um bosque aqui com o nome dele.

Nunca tinha pensado até então que ele tinha conseguido esse feito, e é a minha avó que conta a história com muito orgulho e também saudade. Havia um espaço na cidade em que o prefeito Paíó queria planejar algo, então meu avó, que era muito amigo dele, perguntou se podia fazer um projeto: um bosque, o qual daria uma bela sombra e uma linda paisagem. Com a devida autorização, escolheu cada muda de acordo com a área, muitas árvores de lá foram plantadas por ele mesmo, mas também contou com a ajuda de funcionários públicos. Minha avó disse que quase todo dia ele ia ver como as árvores estavam ficando. Depois que o projeto foi realizado, o prefeito nomeou-o

como "Bosque Carlos Faraco", porque ele foi o grande idealizador. Como acontece na maioria dos casos, ele não recebeu os créditos em vida, mas teve o privilégio e a satisfação de ver seu projeto florescer. Em nenhum momento pensou em se enaltecer, nutrir seu ego; seu objetivo era fazer pela cidade que tanto amava, de forma natural e espontânea.

Uma pena que o local hoje em dia esteja um tanto abandonado, sem muitos cuidados, embora tenha proporcionado a recuperação de uma nascente próxima.

Hoje me pergunto: será que um dia vou conseguir melhorar e cuidar do legado que meu avó deixou? Acho que essa poderá ser uma de minhas missões aqui, e a resposta certa para a seguinte pergunta: por que preciso restabelecer minha ligação com a natureza? Porque, na verdade, ela nunca foi perdida, faz parte da minha família, da minha história e de quem sou.

A SENHORA, O GALO E TERNURA

JAIME GOTTARDELLO

A velha senhora que vivia em uma pequena casa afastada da cidade tinha um galinheiro nos fundos do seu quintal de terra batida onde mantinha várias galinhas, alguns pombos e muitos pardais com seus ninhos nas vigas acima. Não era para comer, dizia, eram as mais ternas companhias para a sua solidão.

Entre todas as criaturas

do seu galinheiro, havia uma que era especial. Era um belo galo de crista vermelha e penas douradas, que se destacava entre as demais aves. A senhora o chamava “Senhor Sebastião” e o tratava como seu animal de estimação, com ternura e afeto.

O Senhor Sebastião era um galo muito simpático e carinhoso. E desafinado quando tentava cantar para anunciar o novo dia ou quando precisava botar a

galinhada para dormir. Seguia e acompanhava a senhora por toda parte. Parecia que ambos sentiam a verdadeira ternura apenas com um afago no pescoço do galo que retribuía com um vigoroso bater de asas.

Essa ternura foi se fortalecendo durante os anos de convívio, com a senhora cada vez mais restrita ao seu pequeno mundo e o galo cada vez mais desafinado. A velha mulher conversava com o Senhor

Sebastião como um amigo mais próximo. Lhe confiava histórias e segredos e o galo sempre parecia entender, inclinando a cabeça e emitindo cacarejos suaves em resposta.

O tempo passou e a velha mulher envelheceu ainda mais, mas o Sebastião permaneceu ao seu lado, sendo seu companheiro leal. As pessoas da região admiravam a relação entre a velha senhora e seu galo. Era uma cena

reconfortante vê-los juntos, desfrutando da tranquilidade daquele pedaço de terra simples.

E o galo se foi... numa última tentativa de alardear o novo dia, atingindo com seu canto a nota mais alta e longa que já havia emitido, caiu, sacudiu as asas e ali ficou. Nenhuma galinha pareceu se importar. A velha senhora se importou e chorou.

Para ela, ternura foram as noites em que se dei-

tava ao seu lado. Ternura era o toque suave de suas penas em suas mãos. Ternura era quando o galo mandava embora todos os fantasmas da noite e anunciava um novo dia. Ternura eram os dois se escondendo do sol esperando a noite chegar.

Ternura é observar as pessoas sorrirem e inclinarem a cabeça para o lado quando percebem no outro um simples gesto de afeto.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS
Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

O AVIÃO VERMELHO

JOSÉ ANTONIO ANDRETA

Em 1984, quando foram realizados serviços de terraplanagem no cume do Morro Pelado para a construção de uma estação repetidora de sinais de televisão, a lâmina de um trator arrancou do solo uma caixa de madeira revestida internamente de isopor. Dentro da caixa havia três lajes de pedra-sabão quadradas, medindo cada uma cerca de 30 centímetros de lado e dois centímetros de espessura. Todas tinham inscrições esculpidas em ambas as faces. Uma destas inscrições é um texto curto, em português, informando que aquelas lajes são as pedras fundamentais de uma cidade cercada por uma muralha com doze portas, chamada de Nova Jerusalém. Nas faces das outras lajes há uma planta da cidade e dois textos em linguagem desconhecida. O revestimento em isopor da caixa de madeira indica que as lajes tinham sido enterradas menos de vinte anos antes da data em que foram encontradas, pois aquele material começou a ser empregado corriqueiramente para fins comerciais na década

de 1960. Por que teriam sido essas lajes enterradas justamente no Morro Pelado?

Não existe, feliz ou infelizmente, um grande mistério envolvendo a inscrição em português e o desenho da planta da cidade chamada de Nova Jerusalém. A explicação para ambos pode ser encontrada no Novo Testamento da Bíblia cristã, mais especificamente no Livro do Apocalipse.

O Livro do Apocalipse descreve o dia em que Jesus Cristo voltará à terra para ressuscitar os santos e, com eles, enfrentar a besta do mal. A segunda vinda de Cristo à terra é um dos pontos fundamentais da crença dos cristãos. Na luta entre o bem e o mal, segundo o Livro do Apocalipse, os seres humanos serão flagelados e a terra, arrasada, mas Satã será vencido e ficará preso num abismo por mil anos. Durante este tempo, Jesus Cristo e os 144 mil eleitos ressuscitados reinarão sobre a terra até que as forças do mal se levantem novamente e sejam derrotadas para sempre. Deus então ressuscitará todos os seres humanos e os julgará no dia do Juízo Final, de acordo com seus credos e ações. Os maus serão

atirados num lago de fogo e os justos viverão eternamente numa cidade descida do céu e chamada de Nova Jerusalém.

Está escrito lá, no Capítulo 14, versículo 1: E eu vi: o Cordeiro estava de pé sobre o Monte Sião e, com ele, os 144 mil que trazem inscritos em suas frentes o nome dele e o nome de seu Pai. Mais adiante, no Capítulo 21, versículos 2 e 3, lê-se: E a cidade santa, a Nova Jerusalém, eu a vi descendo do céu, de junto de Deus, preparada como uma esposa que se enfeitou para seu esposo. E ouvi uma voz forte, vinda do trono, que dizia: Eis a morada de Deus com os homens.

Ainda no capítulo 21, versículos 12 e 13, a cidade santa é descrita: Tinha espessas e altas muralhas. Tinha doze portas e, nas portas, doze anjos e os nomes inscritos das doze tribos de Israel. Ao oriente, três portas; ao norte, três portas; ao sul, três portas e ao ocidente, três portas. Nos versículos 16 e 17 deste Capítulo um anjo mede o tamanho da cidade com uma vara de ouro: A cidade era quadrada: seu comprimento igualava sua largura. Ele [o anjo] mediu com

a vara, ela contava doze mil estádios. Mediu também as muralhas: elas contavam 144 côvados.

O desenho da planta da cidade gravada numa das lajes encontradas no Morro Pelado coincide exatamente com esta descrição.

Os cristãos se dividem em duas correntes com relação à interpretação do texto do Livro do Apocalipse. Uma corrente, chamada de milenarista, acredita que as descrições contidas naquele Livro são literais e que a destruição do mundo e o retorno de Cristo são condições essenciais para trazer a paz à terra. Outra corrente, chamada de não milenarista, aceita a interpretação dada por Santo Agostinho de que as batalhas descritas no Apocalipse são espirituais e acontecerão no íntimo de cada pessoa. A pessoa que enterrou as lajes no alto do Morro Pelado era adepto da corrente milenarista, pois seguiu literalmente as descrições do Livro do Apocalipse. Ela fez uma ligação entre o nome de nossa cidade e o Monte Sião mencionado no Apocalipse e deve ter imaginado que poderia fundar e fazer prosperar no alto do Morro

Pelado uma cidade parecida com a descrita no Livro. Parecida, sim, porque igual é impossível. Os versículos 18, 19 e 21 do Capítulo 21 do Livro do Apocalipse completam a descrição da cidade: o material das muralhas era jaspe e a cidade era de ouro puro. Os fundamentos das muralhas estavam adornados com todo o tipo de pedras preciosas. Cada porta era de uma só pérola. E a praça era de ouro puro, como cristal límpido.

Ainda que as lajes do Morro Pelado sejam apenas o fruto do delírio de alguém que aguardava a chegada iminente do fim do mundo, elas nos fazem pensar que algumas pessoas podem considerar o Morro Pelado um monte sagrado. Diversos montes são considerados sagrados por vários povos e religiões do mundo: o Monte Sinai para os judeus, o Monte Hara para os muçulmanos, o Monte Kailash para os budistas. Há na China cinco montes tidos como lugares nos quais flui da terra uma força telúrica sagrada conhecida como “corrente do dragão”.

Alguns credos religiosos acreditam que, em certos montes, traçando-se uma linha

ligando seu cume ao centro de sua base, esta linha passará pelo centro da Terra. Esta ligação invisível seria o caminho por onde fluiriam poderosas cargas de energia esotérica. Não seria por outra razão que, ao longo dos séculos, templos e mosteiros de várias religiões foram construídos no alto de montes e montanhas. Até mesmo uma cidade sagrada – Machu Picchu, no Peru – foi construída pelo povo Inca no alto de uma montanha no maciço dos Andes. Para alguns estudiosos, as pirâmides erguidas por diferentes povos – egípcios, astecas, maias – não passavam de montes artificiais, edificadas em posição propícia para receber o fluxo de energia que emanaria da Terra.

Seria o Morro Pelado um desses montes sagrados, com seu cume orientado para o centro da Terra? Teria sido para receber a energia que fluiria do centro da Terra para o cume dos montes sagrados que pessoas desconhecidas imaginaram fundar uma cidade no alto do Morro Pelado?

(Do livro: À sombra do Morro Pelado)

UMA FÁBULA PERENE

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

Foi nos tempos do ontem que esta fábula aconteceu nas terras dos humanos, pensando bem certinho, hoje, dá pra se espantar. É que era um estágio de vivência todo cercado por culpas, proibições, ameaças, leis severas (comportamento extremo: de

repente, vem um arrastando uma cruz, ou vem outro e se explodia no meio do povo) Sim, todo tipo de pensamento borrado se espalhava pelas ruas e roças na busca de infelizes delinquentes de comportamento: crimes de viver a vida misturada de risos, mesmo sendo às vezes. Para se ter uma ideia, olhares de namoro, não podia, passar

uma tarde num bar, não podia, muito menos tocar um violão, cantar uma modinha, singela que fosse, não podia. Guardiões corriam as ruas da cidade em busca de criminosos de valores que pretendiam a vida também de alegria dentro do espaço quadrado, reservado e sagrado, enfadonhado: que até faz a gente de poeta sair com esses versos muito manjados. O ar espalhou proibição rarefeita pela cidade, que onde tinha um jardim, ar não existia, para não exalar perfume a seu ninguém. Na igreja oravam, oravam, orav... (no comando dos capitães) com alto louvor e fervor ao céu, saíam, mudos, cabisbaixos, tristes, carregados de pecados e seguiam pra casa. Pronto!...

Mas um dia, o filho dos Tropeiros, lá do Magioli, olha do lado, vê uma tão linda moça, lá do Tanque, se admirou, gostou e gostou e gostou tanto da moça, que no ímpeto, recitou-lhe ao ouvido uns versinhos, versinhos da lenda da amora,

bem quando saíam da Matriz e atravessavam a Praça de Árvores-Seres. Na hora veio polícia, cortou o pé de amora, apanhou, rabiscou, pisoteou os versinhos lenda da amora e proibiu qualquer recitar tais versos. E tinha tanto pé de amora na Praça da Igreja Matriz, entre árvores falantes na pura metamorfose, agora, todas chorosas de tristeza. Sim, as árvores da Praça em prantos de lágrimas.

Povo nem terminou de caminhar. Parou. Vida de então valentão senhor capitão travou mais o ar dentro do quadrado. Quase que povo se afogou. Daí, num repente, milhão de passarinhos e bichinhos: quatis, gambás, sabiás, lobos guarás; arapongas apareceram e transitaram cantoria, cada um de seu jeito, cantoria desvairada pela cidade que estourou todos os quadrados tristonheiros, revivendo todas as amoreiras, que o moço enamorado pegou e recitou lindo, novamente, a lenda da amoreira inteira para a tão linda moça do Tanque. E todos da Praça

rodopiaram ciclos cantando contentes, a Dulce vestiu vestido Lago dos Cisnes e girou rodopios fantásticos.

E os Quadrados, e os Quadrados saíram simbora topetes armados, fazendo-se de rogados, seguindo rumo

espinhento até o desaparecimento, lá pro ar rarefeito de Marte. Que aqui neste chão da Praça da Matriz a vida gira, gira seus ciclos Galáxias na força da próxima alegria; próxima alegria que virá, sempre.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

CASA DAS MASSAS
Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

NAS ENTRELINHAS

Costuro
a poesia

Agulha
linha
e dedal

cerzindo
amores
e rancores

sempre além
do bem
muito aquém
do mal

POPO DE SIÃO

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

www.dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Novembro de 2023

Nº 617

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Dezembro de 2023

- | | |
|--|--|
| Dia 01
Giuliano Guarini
Luíza Ribeiro
Labegalini | Queiróz
Diego Durante
Pennacchi
Eloísa Corsi Faraco |
| Dia 02
José Oscar Guirelli
Sara da Costa
Pereira Bueno
Maria Inês R. Machado
Laura Ortega de
Almeida | Dia 17
Aparecida de C.
Canela
Livia Bernardi Lopes,
Antonio A. Diniz Filho,
Dia 19
Valéria C. Ribeiro
Silva |
| Dia 03
Denise D. Parreira de
Lima | Dia 21
Ana Paula Comune
Magali Tavares Paes
André Monteiro
Schlittler |
| Dia 04
Ronald Jacomassi
Augusto,
Charles Simões
Cardoso | Dia 22
Eugênia C. Monteiro,
Geni Francisca
Azevedo |
| Dia 05
Maria Helena Vilela,
Diogo Labegalini de
Castro, | Dia 23
Fabiéli Bortoloti Faria
Michaela de Souza
Bueno |
| Dia 06
Adolfo Henrique de
O. Simões | Dia 24
Fernando Henrique T.
Araújo |
| Dia 07
Jéssica Monteiro,
Larissa Luiza Pereira,
Paulo Luciano
Bernardi, | Dia 25
Silvana Ap. B. de
Andrade
Conceição Ap.
Pereira |
| Dia 08
Paulo Bitencourt,
Rosana Ap. Vilela
Bueno
Adriana Costa
Trindade,
Viviane Almeida, | Dia 26
Telma B. Castro
Ribeiro
Natalina Campos
Freire |
| Dia 09
Edson Arlindo
Reginato | Dia 27
Amanda Emerick de
Souza,
Carlos A. S. da Silva
Thamara Cristina O.
Gomes |
| Dia 10
Lourdes de Souza
Artuso
Ricardo U. Rodrigues
Silmara Ap. Righete | Dia 28
Cleusa S. M.
Monteiro |
| Dia 11
Antonio Gotardelo
Ricardo José Grossi
André Luiz Faraco
Rômulo Cardoso do
Carmo | Dia 29
Antonio C. da Silva
Cyntia Viegas
Brunialti
Teresa Vitoriano
Queirós |
| Dia 12
Mariângela Ambrósio | Dia 30
Aparecida Landini
Viviani da Costa |
| Dia 13
Ana Paula da Silva
Oliveira,
Marcela Benedette
Comune
Rosana Aparecida
Bueno | Dia 31
Edivalson Corsi
Luiza B. de Castro
Ribeiro |
| Dia 14
Tatiane Vilela Faria
Lúcia de Fátima A.
Ribeiro
Laércio de Souza
Moraes | Dia 01
José Ferreira Primo
Cibele Armelin
Maria Ap. de Souza
Bueno |
| Dia 15
Adriano Ferraz de
Araújo | Dia 02
Olatini S. Pereira
Luiza Gâmbaro
Rosa Florêncio da
Rosa |
| Dia 16
Henrique Rieli Dematei | Dia 03
Maria Madalena
Andreta
Aroldo Comune,
Maria Inês Andreta
Araújo |
| Dia 17
Isac Faria Dorta
Pedro C. Ribeiro
Martins
Renata Monteiro
Ilacir Righete
Fernanda Righete | Dia 04
Taís Godoi Faraco,
Maria Ap. M.
Monteiro,
Dia 05
Marcílio D. dos
Santos
Renata Vieira de
Toledo
Débora E. Toledo,
Éder de Oliveira
Barreto |
| Dia 18
Franciele Silva
Tozetti,
Elisângela C. Marinas
Machado
Luís Henrique Comune
da Costa
Elenita Borges de | |

A todos, as felicitações da Redação!

INAUGURAÇÃO DO ESPAÇO LITERÁRIO “IVAN MARIANO SILVA” – 08/12/2023

Resultado de uma parceria entre a Câmara Municipal de Monte Sião, a Fundação Cultural Pascoal Andreta – FCPA e o autor da pesquisa “Catálogo de Publicações de Autores e Escritores de Monte Sião”, que cedeu a obra à FCPA, foi possível o desenvolvimento do projeto e a implantação do ESPAÇO LITERÁRIO “IVAN MARIANO SILVA”, nas dependências da Câmara Municipal de Monte Sião, onde professores, imprensa, pesquisadores, estudantes e o público em geral poderão conhecer, acessar e tomar para leitura a maioria das obras expostas. A pesquisa possibilitou identificar cerca de 200 obras de mais de 40 autores da cidade ou a ela vinculados, e a identificação e aquisição de quase cem por cento das obras catalogadas. A instalação do espaço está amparada em Lei Municipal, aprovada pela unanimidade dos vereadores, e será inaugurada no dia 08 de dezembro de 2023, após as 19 horas, em solenidade na Câmara Municipal. De antemão, ficam todos convidados a fazer uso do acervo para pesquisas e conhecimento pelo tempo que permanecer na Câmara Municipal, que esperamos seja muito lon-

go e proveitoso. Cumprimos aos vereadores através da pessoa do sr. Platini, à diretoria da Fundação Cultural Pascoal Andreta e a todos os autores, familiares e amigos de autores que contribuíram para o sucesso da pesquisa, humildemente conduzida por L. A. Genghini. Hip, hip, Hurra!

JUBILEU DE PRATA, 25 ANOS DA ROMARIA DA VOLTA

O grupo da Pastoral dos Romeiros de Monte Sião, promotores da ROMARIA DA VOLTA, cujo percurso a pé vai de Aparecida do Norte a Monte Sião, completa neste final de ano o Jubileu de Prata, 25 anos da Romaria da Volta, nos últimos anos acompanhada pelo Padre Bruno Genghini do Recanto da Trindade. As 25 edições da Romaria da Volta já contabilizam cerca de 6500 km andados a pé pelo grupo de romeiros, sob cânticos, orações, missas e devoções. A Romaria da Volta já rendeu o livro “ROMARIA DA VOLTA – 20 anos de fé e esperança”, publicado em 2019, de autoria de Ariovaldo Guireli e José Ayrtton Labegalini, cujos últimos exemplares ainda estão a venda no Museu da FCPA ou na igreja matriz da cidade. Glórias e louvores a esse grupo de fieis movidos pela fé e pela esperança. Viva!

PARECE BRINCADEIRA DE MAU GOSTO, MAS É DESCASO MESMO...

Voltando ao processo de terceirização das rodovias da região, especialmente a que liga Monte Sião a Ouro Fino, e vice versa, passado o aparente engodo inicial de reparo das pistas, os equipamentos e as equipes foram desmobilizados, restando apenas um grupo trabalhando naquilo que deverá ser o pedágio, que segundo os usuários da pista Ouro Fino - Pousou Alegre é pra mais do que salgado. É assim, fazem um baita fuzuê, mobilizam uns equipamentos, realizam alguns remendos, “enforcam o gato” (empreiteiro), instalam o caça-níqueis, e fica tudo por isto mesmo. Pergunte aos repórteres da Radio Massa de Ouro Fino, o que eles estão achando disto?... Panem et circenses!

AGITOS EM MONTE SIÃO...

A cidade anda agitada com alguns eventos acontecendo! Tivemos em novembro a premiação aos ganhadores do concurso de fotografias promovido pela FCPA/CIB; evento beneficente em prol da APAE; Festival de Chopp e Burguer, Trilha das Malhas e eventos de caminhadas coletivas. Tá melhorando, mas tem espaço para muito mais! Se a cidade tem vocação turística, é preciso investir muito e preparar o pessoal para a recepção adequada aos visitantes. Vamos ver!

Fragmentos - 30

ARIOVALDO GUIRELI

1 Da fala para a escrita existe um abismo. Este período pode ser de imitação e aprendizado, de estudo, e o consideramos longo. Uma invernoada. Uma fase na qual nos esforçamos para encontrar as nossas habilidades, nossa própria voz. É o tempo de praticar, repetir, dominar e aperfeiçoar habilidades e técnicas. O caminho é lento e arenoso. Os que passaram pelas academias, na sua formação profissional, tiveram que construir o seu trabalho de conclusão do curso seja para uma pós-graduação, mestrado, doutorado... muitos depois de passar por esse aprendizado, permanecem no nível do domínio técnico sem jamais ascender à criatividade grandiosa, própria. E não se dão conta de um trabalho inovador. Onde se traça o limite entre influência e imitação ou um arremedo de compilações. Lançam, no mercado global, livros e se destacam em dizer: eu os escrevi! Evidente que você, meu leitor, já entendeu que este(a) autor(a) não escreveu! Apenas “copiou”, imitou, reproduziu, maquiou...

2 Falar é fácil...naqueles dias os ratos estavam eufóricos, porque um dos

seus tivera a grande ideia para alertar a todos quando o gato estivesse chegando, mesmo sorrateiramente. – É só colocar no pescoço dele um sininho! O som chegará antes! O dia estaria perfeito se não fosse aquele ratinho malhado que pedindo a palavra sentenciou: - Quem colocará o sininho no gato?

3 - Ganhou a rua Direita e saiu sacudindo a poeira. Parece que cada passo deixava para trás os infortúnios gerado pela vida. Não saberia dizer porque estava deixando um mundo pautado por falsas promessas e ideais não realizados. A casa, uma mansão, que a cada mês lhe arrancava juros sobre juros bancários. Vendera o carro. O terreno da praia. E perdia tudo inclusive o sono, a saúde...quando olhou para a sua família disse:- “não aguento mais, fiquem vocês com a falsa felicidade, seus vagabundos e parasitas” e bateu a porta; deixava o passado e viveria de modo simples e fraterno. Voltou a ser gente!

4 - O seu andar lento e as mãos sempre às costas como que segurando o tempo, o fazia especial. Sabia fotografar os trejeitos das pessoas simples e excluídas. Na

década entre 1960 a 1980 não havia uma casa sequer que não colocou calhas e rufos. E nas horas poéticas do entardecer pintava o interior. Sabia dos cipós, das plantas e suas raízes para limpar os rins, intestinos ou tonificar o fígado. Seguiu a sua trajetória com esmero, simplicidade, honestidade e muita dedicação aos seus e sabia repartir humildade para todos. Escrevo, com saudade, do nobre Leopoldino Ferreira de Godói.

5 - Para sairmos por aí a fora observando como as pessoas falam nos processos de interação verbal, veremos que as seqüências verbais que saem da boca de uma pessoa que se dirige a outra têm uma estrutura definida e se organizam de acordo com critérios de seleção adequados a cada situação de uso.

6 - Leia: de Augustina Bessa -Luis - A SIBILA - Editora Pontes.

7 - Este fragmento é dedicado a exótica Dulce Loureiro de Oliveira (La Dulce bela!)

8 - Beijos gerais!

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas
TELESON
TELECOM
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● Teste do Pezinho ampliado
● Credenciamento com os Laboratórios:
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180